

ECONOMIA

Mulheres comandam renda da casa

Pesquisa mostra mudanças nos indicadores sociais. Em 13 anos, cresceu 10% o total de mulheres na chefia da família

NATHÁLIA ESTEVES

Tradicionalmente, em famílias compostas por pai, mãe e filhos, cabe ao pai a liderança e também a garantia da sobrevivência econômica dos integrantes. Só que uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que isso tem mudado nos últimos anos.

O número de famílias formadas por casais com filhos que são chefiadas por mulheres cresceu de forma relevante. Em 1993, eram 247.795 (3,4%), passando para 2.235.233 (14,2%) em 2006. Um crescimento de 10%. Os dados fazem parte do estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, divulgado ontem.

As informações da pesquisa não apontam quais os motivos que elegem as mulheres como chefes das famílias. De acordo com a pesquisadora do Ipea Alinne Bonetti, pode tanto ser pelas condições financeiras – o fato das mulheres estarem ganhando mais que os homens – quanto por estar atrelado a elas a administração do lar.

“Ainda não podemos definir com exatidão os motivos que levaram os entrevistados a identificarem as mulheres como che-

fes de família, mas é bem provável que tenha relação com o dinheiro”, explicou.

Um ponto importante, que, segundo a pesquisadora, não pode deixar de ser falado, é o fato de os dados apontarem para uma mudança no comportamento cultural das pessoas.

“Em quase 13 anos, as famílias chefiadas por mulheres aumentaram cerca de 10%. Isso mostra um avanço significativo, num curto espaço de tempo. A idéia de que só o homem é o provedor está sendo revisada e é uma grande conquista para as mulheres, mas ainda há muito a ser feito”, lembrou.

Essa mudança de comportamento pode ser comprovada no depoimento da engenheira civil Carina Ribeiro, 31. Ela afirma que ganha mais que o marido, com quem é casada há 10 anos e tem dois filhos, e diz não ter problemas com isso.

“Há uns cinco meses comecei a ganhar mais que meu marido. Sou formada e ele só termina a faculdade no final do ano. Por isso o salário dele é menor que o meu, mas isso não representa um problema. Inclusive, na divisão das contas eu pago a maioria”, diz.

Negros sem acesso ao ensino

Dados do estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça mostraram que o acesso ao ensino médio no País é muito mais limitado para a população negra.

Segundo o estudo, no ensino fundamental a taxa de escolarização líquida (proporção da população matriculada no nível de ensino adequado à sua idade) para a população branca era de 95,7% em 2006; entre os negros, era de 94,2%.

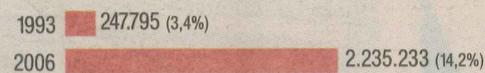
Já no ensino médio, essas taxas eram, respectivamente, 58,4%

e 37,4%. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), isso é reflexo do fato de os negros se encontrarem nos grupos de menor renda, sendo pressionados mais cedo a abandonar os estudos e ingressar no mercado de trabalho.

A população negra também é mais dependente do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo a pesquisa, em 2003, o SUS foi responsável por 63,5% dos atendimentos e 69,3% das internações ocorridas em todo o País.

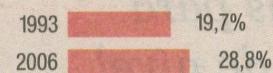
CHEFIA DE FAMÍLIA

Famílias de casais com filhos chefiadas por mulheres



Mulheres chefiando famílias

(número absoluto incluindo mulheres sem companheiro)



EDUCAÇÃO

Ensino fundamental (2006)

Taxa de escolaridade entre brancos 95,7%

Taxa de escolaridade entre negros 94,2%

Ensino médio (2006)

Taxa de escolaridade entre brancos 58,4%

Taxa de escolaridade entre negros 37,4%

Taxa de analfabetismo feminino (2006)

Mulheres da zona urbana 8,1%

Mulheres da zona rural 22,2%

SAÚDE

Atendimento no SUS em 2003

Negros 76%

Branco 54%

MERCADO DE TRABALHO

Jovens entre 10 e 15 anos no mercado de trabalho em 2006

Negros 15%

Branco 11,6%

Pessoas com mais de 60 anos no mercado de trabalho em 2006

Negros 34,7%

Branco 29,3%

REMUNERAÇÃO (2006)

Homens brancos: R\$ 986,50

Homens negros: R\$ 502

Mulheres: R\$ 577

\$\$\$\$\$

Homem branco ganha mais

No geral, a pesquisa mostra que, apesar da diferença entre ricos e pobres ter caído nos últimos anos, as desigualdades sociais que afetam mulheres e negros seguem em patamares muito elevados.

De acordo com a sondagem, as mulheres tinham, em 2006, uma renda média de dois terços da renda de um homem. Já a renda média dos negros era a metade da de um branco.

“A discriminação motivada por sexo e por grupo de cor ou raça encontra-se disseminada em diversos campos da vida social”, apontou o levantamento.

Há dois anos, os homens recebiam em média cerca de R\$ 885 ao mês, enquanto as mulheres, R\$ 577. Em 1996, a proporção era de R\$ 962 para os homens e R\$ 561 para as mulheres.

No mesmo período, os negros como um todo recebiam cerca de metade do rendimento dos brancos, perfazendo R\$

502 por mês, contra R\$ 986,50.

Dez anos antes, a distância era um pouco maior: os negros ganhavam uma média de R\$ 482 ao mês, e os brancos, R\$ 1.044.

“Os negros trabalham durante mais tempo ao longo da vida, entrando mais cedo e saindo mais tarde do mercado de trabalho”, aponta o estudo.

Em agosto deste ano, o próprio Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou um estudo que apontou queda na diferença de salário entre ricos e pobres. O crescimento econômico e programas sociais como o Bolsa Família foram apontados na ocasião como responsáveis pelo cenário.

A atual pesquisa, no entanto, indica que essa melhora não provocou mudanças tão efetivas nas condições de vida entre mulheres e negros, que constituem a maioria da população brasileira.

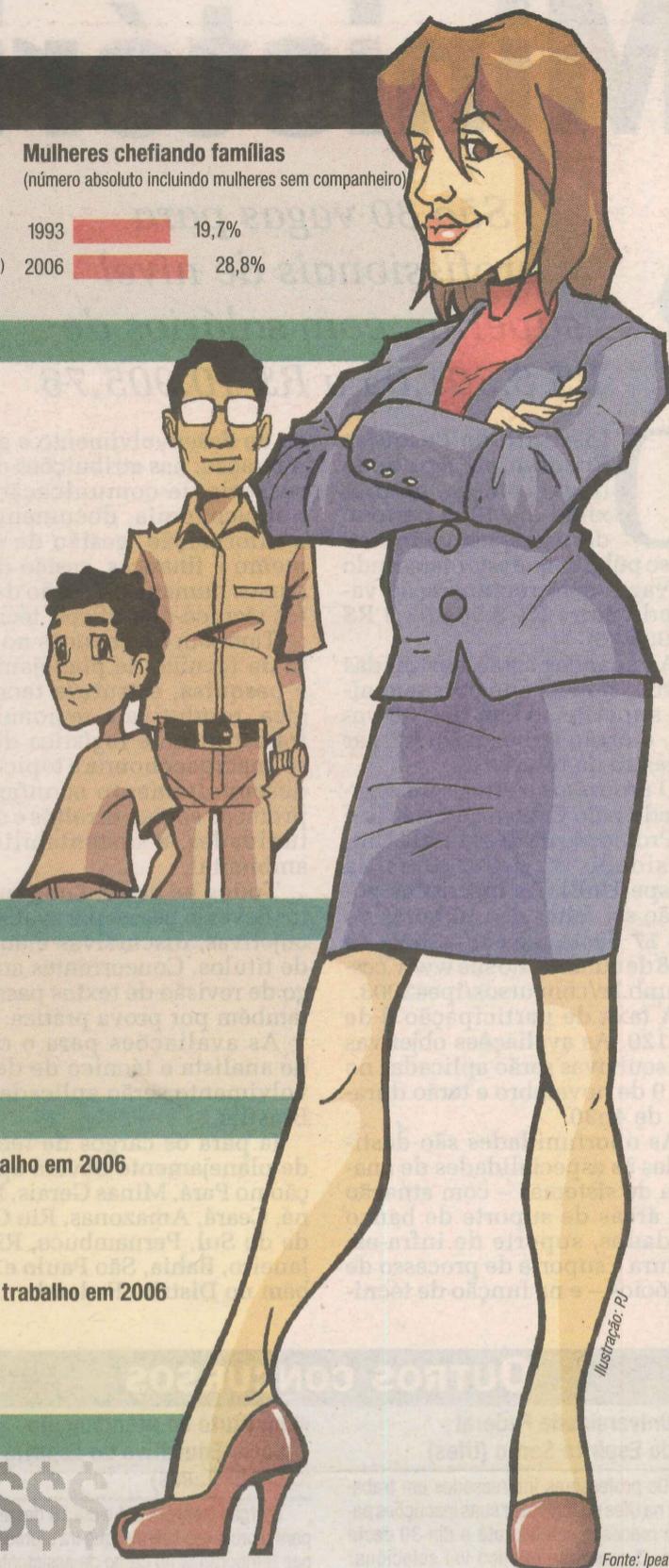
Desemprego maior entre as mulheres

O estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), também revela que as mulheres e os negros são a maioria dos desempregados ou dos que estão à procura de emprego.

As mulheres respondem por 11% do total de desempregados, enquanto negros totalizam 7,1% – os homens são 6,4% e os brancos 5,7%.

A pesquisa aponta ainda que as mulheres vêm aumentando sua participação no mercado de trabalho nos últimos anos. Se, em 1996, 46% da população feminina estava ocupada ou à procura de emprego, em 2006, o percentual subiu para 52,6%.

O índice ainda é inferior ao dos homens, de 72,9% no mesmo ano. Segundo o Ipea, o aumento da escolaridade feminina e a queda da fecundidade são algumas causas do aumento da participação feminina no mercado de trabalho.



Fonte: Ipea